



CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA EJA: EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA PANDEMIA

Harian Pires Braga¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência sobre a Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em escolas municipais de Ensino Fundamental, em Campinas, São Paulo. Desde março de 2020, diante do contexto de pandemia da Covid-19, as aulas presenciais da Rede Municipal de Campinas foram suspensas, sendo adotada uma modalidade remota. A interação ocorre pelo uso do serviço Google Sala de Aula (GSA), com postagens de atividades. No caso específico da EJA, o acesso ao GSA é limitado, sendo a troca de mensagens por WhatsApp o caminho de melhor interação entre docentes e estudantes.

A partir do final de maio de 2021, as aulas presenciais foram retomadas, com limitações de tempo e de número de estudantes. As condições epidemiológicas no município impusessem a limitação na circulação de pessoas à noite, o que, na prática, significou que as aulas noturnas da EJA – maioria das unidades do município – não fossem viabilizadas na maioria do tempo. Na medida em que as condições sanitárias demonstraram melhoras, a presença física foi retomada, sem contudo, abandonar o trabalho remoto, constituindo uma relação pedagógica de dois momentos: um presencial, na escola; outro virtual, no GSA e WhatsApp.

Em todos os momentos dessa readaptação pedagógica, a Educação Física Escolar, apresentou limitações e comprometimentos, já que as atividades práticas, parte fundamental do componente curricular, foram impossibilitadas, com espaços coletivos como quadras, parques e afins sendo interditados. Esse cenário parece ser mais drástico no Ensino

¹ Mestre em Educação Física pela FEF/UNICAMP, professor da Rede Municipal de Campinas.



IX COLÓQUIO **CORPO, CULTURA E SOCIEDADE** **Educação Física Escolar em Tempos de Pandemia**



Fundamental regular, que no caso de Campinas, conta com três aulas semanais de 50 minutos desde o 1º ano. Para esse grupo de estudantes, a Educação Física é ofertada no turno e é um componente obrigatório, por tanto, legitimado no currículo e na construção simbólico do que é ensinado na escola. No remoto, a perda simbólica acabou sendo mais evidente.

Já na Educação de Jovens e Adultos, a situação é diferente. Dentro da matriz curricular do município, a Educação Física tem apenas duas aulas semanais de 50 minutos, sendo elas no contraturno e com uma quantidade significativa de dispensas: trabalhadores e trabalhadoras, mães, maiores de 30 anos de idade. Essa não obrigatoriedade é garantida pela Lei de Diretrizes e Bases, que cita tais grupos em seu artigo 26, §3º (BRASIL, 1996). Na prática, boa parte do corpo discente se torna inelegível à disciplina, que, é deslegitimada, seja pela exclusão legal, seja por essa simplificação epistemológica, na qual ela seria um sinônimo de atividade física, portanto, em contraposição ao fazer laboral, às mães e limitada apenas a jovens.

O contexto pandêmico trouxe a demanda por uma nova organização de trabalho, que segundo a legislação municipal, deveria adotar um norte coletivo, interdisciplinar, focando o processo e não apenas conteúdos descontextualizados (CAMPINAS, 2020a; CAMPINAS, 2020b). Nesse sentido, pensar a Educação Física Escolar na EJA passa a ser um desafio positivo, já que o debate dos conhecimentos próprios da área poderiam ocorrer num espaço de protagonismo e alcançado a todas e a todos estudantes. Há, assim, um inversão no lugar da Educação Física, de apêndice isolado, para parte do debate pedagógico maior.

Neste relato, além da condição especial da pandemia, temos um segundo diferenciador que é um dos locais em que se desenvolveu o trabalho docente, trata-se de um Projeto Piloto com turmas em três períodos, docentes selecionados por processo interno, sem hierarquia dos componentes na matriz, apenas com turmas específicas de EJA e com a concepção de uma relação dialógica de Educação, assentada em Paulo Freire. Esse pormenor já permitiria uma quebra curricular, porém não é a simples existência de um



currículo distinto que garanta protagonismo à Educação Física, é preciso que se reafirme quais objetivos devem ser trabalhados e também quais são os conhecimentos próprios da área, isso pensando sempre em contexto articulado com os outros saberes.

Para que esse processo ocorra é importante pensar o que seria interessante ensinar na Educação Física num contexto de EJA. A EJA é uma modalidade própria, que não pode ser compreendida como sinônimo de suplência, em que se simplifica o conteúdo na certeza de limitação discente e na premissa de que aquilo que deveria ser ensinado em um ano, deve ser transmitido em seis meses. Ora, não se trata aqui de uma simples correção de fluxo, mas um ensino que seja pensado para adultos, de diferentes idades, em diferentes momentos da vida e com relação já estabelecida com o Mundo do Trabalho. Enfatizo aqui a concepção de Mundo e não de Mercado, pois não se trata de uma formação técnica, mas sim de um conjunto de relações econômicas, sociais e também culturais que norteiam a vida em coletivo, tendo o trabalho como base.

Se o público da EJA é diferente daquele do Ensino Fundamental regular é evidente que os objetivos da Educação Física na EJA precisam ser repensados. Nesse sentido, a valorização da construção de uma Diretriz Municipal que, norteada pela ideia do Trabalho como tema central, traz alguns objetivos promissores e que permitiram, no momento pandêmico, ter caminhos para que as perdas pedagógicas fossem atenuadas. A seguir, transcrevo alguns desses objetivos.

- Integrar e inserir todos os alunos nas práticas corporais;
- Valorizar, apreciar e desfrutar dos benefícios advindos da cultura corporal de movimento;
- Perceber e compreender o papel do esporte na sociedade contemporânea;
- Usufruir do tempo livre de lazer, resgatando o prazer enquanto aspecto fundamental para a saúde e melhoria da qualidade de vida;
- Valorizar, por meio do conhecimento sobre o corpo, a formação de hábitos de cuidado pessoal;



- Compreender e ser capaz de analisar criticamente valores sociais como padrões de beleza, relações entre os sexos e preconceitos. (CAMPINAS, 2013).

Demonstro três possibilidades pedagógicas para Educação Física na EJA, refletindo não apenas seus êxitos, mas também as dificuldades e as potencialidades ainda a se trabalhar. Importante notar que essas ações estão centradas dentro de um contexto específico e que a reprodução delas só é possível se o local em que forem pensadas também for considerado, bem como as personagens que compõe esse local. Seguindo Paulo Freire, é notório que nossos estudantes possuem saberes prévios e são esses que nos guiam para uma educação transformadora.

MATERIAIS E MÉTODO

O método aqui adotado é um relato de experiência, baseando-se em três ações pedagógicas aplicadas a estudantes da EJA no município de Campinas, debatendo as limitações e as potencialidades de cada prática. Para esse relato são utilizados não só os planos de aula, como também os registros de avaliação e os documentos curriculares do município. Os três níveis de documentação estão aqui articulados para que o cotidiano da sala de aula esteja em consonância com preceitos teóricos, sem perder de vista que, não há deliberação legal que não demande uma correspondência material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira possibilidade pedagógica é a discussão sobre qualidade de vida e saúde. Essa dimensão já está contemplada nas Diretrizes Curriculares Municipais de EJA e se configura como uma interface de contato com Ciências. Contudo, sofria um processo de apagamento, já que a pequena carga horária acaba sendo preenchida com as atividades práticas. Mais ainda, o processo de secundarização da disciplina, com sua oferta no contraturno, afastou boa parte dos estudantes do contato com essa discussão. O caminho inicial precisou ser de retomada e de legitimação, feito, preferencialmente, nas



rodas de conversa organizadas com estudantes pelo aplicativo Google Meet,

Um dos temas recorrentes nesse momento de ensino remoto, como não poderia deixar de ser, foi a questão da Covid-19. Pudemos trazer, em trabalho multidisciplinar, a própria noção de saúde, não como ausência de doenças, mas como práticas positivas e como um direito social, experimentado com maior intensidade no cenário pandêmico. Esse pormenor é fundamental, pois tratamos de estudantes, muitos deles e delas, que já convivem com problemas crônicos de saúde, seja pelos hábitos negativos (tabagismo, sedentarismo, uso de abusivo de álcool), ou mesmo por consequências do envelhecimento. Quando se debate o que é saúde, protagoniza-se um saber prévio, portanto, cria-se a mediação, de uma cultura popular com saberes escolarizados. E as noções de saúde são múltiplas, justamente por essas experiências anteriores serem variadas.

O ponto aqui não é colocar um conceito prévio, mas construir com o coletivo de estudantes o que seriam os hábitos positivos e os negativos para a saúde. A escuta e a construção do conceito coletivo, atreladas aos cuidados preventivos diante da pandemia (uso de álcool gel, distanciamento social), fez com que as/os estudantes compreendessem melhor o que é saúde. Num segundo momento, justamente diante dos hábitos, podemos trabalhar conceitos como alongamento, treinamento e orientar para práticas físicas simples, desconstruindo determinados paradigmas de “movimentar-se a qualquer custo”.

Há uma dificuldade estrutural no acesso à internet, o que fez com que o público alcançado não fosse a totalidade de estudantes, algo muito mais comum no ensino presencial. Isso demanda que o assunto seja retomado no presencial, apresentando o que já foi debatido e dando espaço às novas opiniões. A gama de falas, sistematizada com o saber acadêmico passaria, então, a compor um conteúdo mais paulatino. Ainda há uma limitação grande no ensino remoto que é não mostrar totalmente as práticas, limitadas pela videochamada. A especificidade técnica que limita a demonstração não pode ser uma amarra, mas deve ser considerada para que não se propague gestos complexos, que não podem ser acompanhados por quem assiste.



A segunda proposta pedagógica é relativa à capoeira. Dentro da temática das africanidades, trabalhou-se a capoeira como um componente cultural com múltiplos significados. A capoeira já está presente diferentes currículos de Educação Física e possui ainda maior força na medida em que se tem a Lei nº 10.639/03, com a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira". Em tempos de ensino presencial, propostas de vivência da capoeira seriam adequadas, experimentando as dimensões corporais, mais também musicais da prática. Em meio remoto, e pensando na EJA, a vivência não é possível. Por si só, a limitação aqui é de uma perda dos sentidos da prática como um todo, mas ainda é possível apresentar dimensões da capoeira que podem e devem ser revisitadas no presencial.

A aposta foi explicar a sua construção histórica e debater o que é o floreio. Como composição corporal básica da capoeira e com grande significado simbólico, debater o floreio é introduzir o universo da capoeira e valorizar diferentes elementos culturais negros e/ou diaspóricos. O meio utilizado foi a gravação de um podcast com uma pesquisadora de capoeira. O programa, no formato de entrevistas, foi disponibilizado aos estudantes para que pudessem ouvir o conteúdo posteriormente. A mídia podcast, um programa de áudio que pode ser ouvido a qualquer momento, em qualquer lugar, é também uma possibilidade de inclusão digital, com acesso a novos canais de comunicação.

Novamente, percebe-se dificuldades e limitações na prática. A inclusão digital não está posta a todas e a todos da EJA, com as dificuldades técnicas de acesso, mas também, por um desconhecimento de como utilizar aplicativos, navegar em sites ou mesmo utilizar os recursos de mídia do celular. O podcast precisou ser transposto para o Youtube e ser ofertado em diferentes momentos. A audiência ainda é baixa, algo que não assusta, pois a mídia é nova para esse público e mais do que um trabalho de consolidação de conteúdos, tem-se a iniciação a um novo formato de consumir informação, por áudio.

Por fim, o trabalho com a ideia de lazer. Mais uma vez utilizamos o recurso do podcast, entrevistando também uma pesquisadora de lazer que trouxe conceitos fundamentais da área. Na escuta com as/os estudantes,



pautamos quais as atividades de lazer estão em seus cotidianos e em seus territórios. Essa mediação de saberes prévios e conceitos academicamente constituídos é, como já descrito, fundamental para que se construa conceitos que tenham sentido para estudantes, que dialoguem com o saber escolarizado e que provoque avanços nas interpretações de mundo.

No caso do lazer, a discussão é justamente mostrar como a importância do tempos de não trabalho são fundamentais, constituem conhecimento e permitem perceber as divisões sociais e espaciais da cidade. Essa visão ampliada e crítica do lazer conseguiu engajar muitos estudantes. Como o trabalho aqui é, eminentemente, teórico, as adaptações são mínimas e o resultado no remoto é promissor. O cuidado é para que a discussão ocorra, não seja apenas uma expressão individual em atividades escritas, mas que se compartilhem suas visões, que analisem seus territórios e que, em algum momento ocupem os espaços públicos de lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

. O ensino remoto adotado em Campinas é uma ação emergencial, de redução de danos, já que seria impossível seguir os trabalhos presenciais devido à situação pandêmica. Algumas das ações pensadas nesse ensino remoto usam táticas do Ensino à Distância, o que é precário no Ensino Fundamental. Por mais que haja qualidade na concepção de atividades e no trabalho pedagógico, estudantes do Ensino Básico, especialmente de EJA, tem uma carência no domínio dos meios virtuais e necessitam de interações pessoais. No caso da Educação Física, o remoto sepulta a vivência, uma limitação do corpo como linguagem. Qualquer ação pedagógica deve ser pensada como especial e com pontes para uma continuidade no presencial.

Nas ações aqui descritas, não se reduz a Educação Física a uma disciplina apenas teóricas, pois isso é uma simplificação da própria área, assim como o oposto: a prática pela prática não se aplica. O que se pensa aqui são ações especiais, pontuais, para compor o leque de possibilidades da



IX COLÓQUIO CORPO, CULTURA E SOCIEDADE Educação Física Escolar em Tempos de Pandemia



Educação Física na EJA, com a excepcionalidade do ensino pandêmico. As ações não podem ser pensadas como reproduzíveis sem que se olhe o contexto da Comunidade Escolar, portanto, avaliações diagnósticas são fundamentais, não apenas no início do ano letivo, mas a cada momento em que pretende iniciar nova temática. Por fim, a importância de um bom combate para que a EJA tenha possibilidades, tão logo as condições sanitárias permitam, de vivências corporais nas aulas de Educação Física, pois não é um ensino de segunda classe, mas sim, um direito social que precisa ser defendido.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 24 de jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1 out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 24 de jul. 2021.

CAMPINAS. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a Educação de Jovens e Adultos Anos Finais** - um processo de reflexão e ação. Campinas: SME, 2013.

CAMPINAS. **Decreto Nº 20.768 de 16 de março de 2020 – Dispõe sobre a suspensão de todas as atividades escolares nas Unidades Educacionais que compõem o Sistema Municipal de Ensino de Campinas**. Diário Oficial do Município de Campinas, Campinas, SP, ano 49, n.12287, 17 de março 2020. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/diario-oficial/>. Acesso em 15 de jul. de 2020a.

CAMPINAS. **Documento Orientador para o desenvolvimento de ações mitigadoras e emergenciais de apoio pedagógico durante o período de**



suspensão de atividades escolares. Disponível em:

<https://sites.google.com/educa.campinas.sp.gov.br/sme-teletrabalho/ensino-fundamental?authuser=0>. Acesso em 15 de jul. de 2020b.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed., ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo e “mente”: bases para renovação e transformação da educação física**. Campinas: Papirus, 1983.